

VISITA VIRTUAL AO MUSEU NACIONAL: O USO DA TECNOLOGIA NA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA E FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE BRASILEIRA

NATIONAL MUSEUM VIRTUAL TOUR: TECHNOLOGY USAGE IN PRESERVING THE MEMORY AND STRENGTHENING THE BRAZILIAN IDENTITY

VISITA VIRTUAL AL MUSEO NACIONAL: USO DE LA TECNOLOGÍA EN LA PRESERVACIÓN DE LA MEMORIA Y FORTALECIMIENTO DE LA IDENTIDAD BRASILEÑA

Danielly Dias Sandy¹

Resumo

O presente artigo apresenta uma reflexão acerca das possibilidades advindas dos recursos tecnológicos para museus, em especial as visitas virtuais. Com eles, as coleções e acervos diversos estão muito mais acessíveis porque também podem ser visitados de maneira remota. Com enfoque na existência de museus como instituições virtualmente interativas, o objetivo é abordar este universo tendo como exemplo a visita virtual que pode ser realizada ao Museu Nacional, no Rio de Janeiro-RJ. Assim, pensa-se sobre as possibilidades que o avanço tecnológico trouxe para a realidade dos museus que fazem uso destas ferramentas no trabalho de preservação da memória e fortalecimento da identidade brasileira.

Palavras-chave: museu virtual; memória; identidade.

Abstract

This article presents a reflection about the possibilities arising from technological resources for museums, especially virtual visits. Collections are much more accessible because they can also be visited remotely. Focusing on the existence of museums as virtually interactive institutions, this paper approach such universe using the virtual tour to the National Museum as an example, in Rio de Janeiro-RJ. Thus, we thought about the possibilities that technological advancement brought to museums reality using these tools for preservation of memory and strengthening of Brazilian identity.

Keywords: virtual museum; memory; identity.

Resumen

El presente artículo presenta una reflexión acerca de las posibilidades generadas por los recursos tecnológicos para museos, en especial las visitas virtuales. Con ellos, las colecciones y acervos diversos se han vuelto más accesibles porque también pueden ser visitados de forma remota. A partir de la existencia de museos como instituciones virtualmente interactivas, el objetivo es observar ese universo, tomando como ejemplo la visita virtual posible de ser realizada en el Museo Nacional de Rio de Janeiro – RJ. Así, se reflexiona sobre las posibilidades que el adelanto tecnológico trajo para la realidad de los museos que utilizan esas herramientas en el trabajo de preservación de la memoria y fortalecimiento de la identidad brasileña.

Palabras-clave: museo virtual; memoria; identidad.

1 Introdução

¹ Docente no Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: danielly.s@uninter.com

Quando se fala em museu, parte das pessoas ainda pensa em um ambiente sacralizador de objetos diversos, dotados de inestimável valor histórico e, até mesmo, de valor de mercado. Alguns pensam em um local antiquado, sustentado pelo passado e sem muito envolvimento com as questões do presente. Outra ideia corrente relacionada ao conceito de museu refere-se aos museus de arte moderna, algumas vezes apresentados como neutros e assépticos — os famosos “cubos brancos” (O’DOHERTY, 2002).

Há ainda os museus contemporâneos, aqueles cuja arquitetura diferenciada possui o peso de uma obra de arte no espaço urbano, dos quais alguns são conhecidos como “museus monumento” (ARANTES, 1993). Porém, independentemente da ideia inicial que muitos têm sobre museus, parece ainda ser comum o pensamento de que estes são ambientes quase inacessíveis, destinados a um público bastante restrito que já dispõe de um conjunto de códigos para “decifrar” os objetos ali expostos. Vale ressaltar que os museus, além de terem a função de preservar o patrimônio, são espaços institucionalizados de pesquisa, comunicação e educação não formal. Ou seja, longe da intenção de competir com as escolas, os museus consolidam o conhecimento por meio dos programas educativos e da mediação cultural, de maneira acessível, lúdica e interdisciplinar — ao menos assim se espera.

2 Problema de pesquisa e objetivos

O público em geral vai ao museu com a finalidade de adquirir conhecimento, até mesmo para consolidar a sua cultura, entretanto, a instituição não exige um retorno formal acerca do aprendizado em seu espaço museológico, o que faz com que muitos pensem nesta experiência apenas como um simples momento de lazer, conforme apontam Sartori *et al.* (2006). Mas a experiência estética e o despertar da consciência patrimonial, que podem ser obtidos a partir da fruição de uma obra ou objeto no espaço museológico, vai além de um passeio ou momento de lazer. Nos dias de hoje, as possibilidades das instituições museológicas superam as concepções de senso comum. Com o fácil acesso à internet é possível observar que boa parte dos museus já está ativamente presente no ambiente virtual e essa presença online varia, desde simples páginas de divulgação da instituição e seus programas, até conteúdos mais interativos, como visitas virtuais mediadas com áudio aos espaços expositivos e acesso remoto aos acervos com suas coleções.

Foi a partir desta reflexão que se originou o presente texto, que ressalta a existência dos museus como instituições virtualmente interativas. O objetivo é discorrer acerca deste universo, tendo como exemplo o Museu Nacional, por estar utilizando recursos virtuais entre suas

estratégias de preservação — e por que não dizer de sobrevivência? Assim, pensa-se sobre as possibilidades que o avanço tecnológico trouxe para a realidade de muitos museus que fazem uso destas ferramentas no trabalho de preservação da memória e fortalecimento da identidade brasileira.

3 Metodologia

A metodologia utilizada para a produção desse artigo é de estudo de caso com vistas a analisar o objeto que se define pela possibilidade de visita virtual ao Museu Nacional. Esta pesquisa é de abordagem qualitativa; não obstante, primeiramente realizou-se um levantamento dos dados para, em seguida, realizar a organização, bem como a exploração, análise e interpretação conforme se indica no método de análise de conteúdo proposto por Laurence Bardin (1977).

Assim sendo, esta pesquisa é teórica, de natureza básica e tem como procedimento a busca em referenciais teóricos bibliográficos e documentais para a efetiva realização dos procedimentos acadêmicos.

4 Novas tecnologias e museus virtuais

Com o avanço tecnológico vieram inúmeras mudanças em áreas diversas e os museus também sofreram consideráveis modificações em sua estrutura. Um dos maiores desafios dos museus, atualmente, é a comunicação ativa e efetiva com o grande público. Um museu é bem mais do que uma reserva técnica e algumas salas de exposição, é também um local onde se aprimoram valores culturais e cidadãos. Portanto, é importante planejar de maneira estratégica para atrair o público para o espaço, seja físico ou virtual, e proporcionar a esse mesmo público uma forte e profunda experiência de ligação com o objeto exposto. Conforme afirma Muchacho (2005), é dentro desse contexto que surgem os conceitos de interatividade, visitas virtuais e, até mesmo, museus virtuais.

A cada dia os museus se aperfeiçoam em suas exposições, com dispositivos digitais interativos, acesso ao material virtual, ou mesmo peças que podem ser manipuladas pelo público, entre outras tecnologias, como forma de estimular a conexão do visitante com o conteúdo da mostra. Esse tipo de iniciativa tira o visitante do seu lugar tradicional, de espectador, e o coloca como parte integrante da exposição, como o construtor do próprio conhecimento, e não mais como receptor de informações já prontas. Estas são apenas algumas

das possibilidades que os museus têm a partir dos recursos tecnológicos existentes para fomentar a interatividade em seu espaço, ou “fora” dele.

A partir da internet, e a sua facilidade de acesso, vem sendo crescente o número de museus que fazem uso do ciberespaço para expandir o alcance em relação aos diferentes públicos, nacionais e internacionais. Dessa forma, vale ressaltar que:

O surgimento do que se convencionou denominar ciberespaço abriu um novo tipo de espaço para a inserção dos Museus, de modo diferente do que se acostumara a ver. Ou seja, de um tradicional espaço físico relacionado à ocupação de um território material, tangível, o museu passou a se deparar com o espaço virtual, material, tangível e também identificado por muitos autores como desterritorializado (LEVY *apud* LIMA, 2009, n. p.).

Há um número já bastante elevado de instituições museológicas que oferecem visitas completas de forma virtual, em 360°, e permitem consultas ao acervo de qualquer dispositivo com acesso à internet. Assim como há museus que existem somente no ciberespaço, o que configura diferenças que podem ser observadas entre as tipologias de museus virtuais. Lima (2009, n. p.), em sua pesquisa acerca do assunto, classifica três categorias de museus virtuais:

Categoria A: Museu Virtual Original Digital – modelo identificado ao formato desterritorializado (sem referência física), existindo somente na representação do website.

Categoria B: Museu Virtual Conversão Digital – modelo que reproduz na web tanto o museu quanto a coleção de natureza material.

Categoria C: Museu Virtual Composição Mista – modelo de museu criado e existente só na web, cuja coleção exibida decorre da coleta de objetos e outros elementos que existem no mundo físico.

A partir das categorias apresentadas por Lima (2009), a instituição pode traçar o seu perfil e realizar um planejamento estratégico de suas ações para expandir o seu alcance de público. Enquanto isso, Rute Muchacho (2005) destaca a importância de se pensar na usabilidade do recurso online do museu para atingir os objetivos propostos. A autora defende que o conceito de usabilidade de uma ferramenta tecnológica, em si, depende do conhecimento prévio do utilizador daquela ferramenta. Assim como em um museu real, o “nível de aproveitamento” da visita virtual pode variar muito de acordo com o repertório trazido pelo visitante.

Outra observação feita por Muchacho é acerca do design do site (ou da aplicação virtual em questão). A internet não tem um limite espacial definido, uma capacidade máxima como

uma sala expositiva, então, o designer responsável pela concepção do museu virtual, juntamente com outros profissionais responsáveis pelo desenvolvimento daquela ferramenta, precisa ter atenção em relação à quantidade de informação exposta e a forma como essas informações são mostradas. Ou seja, é necessário haver uma forma de curadoria que pense em uma “expografia virtual”, da mesma maneira como são concebidas as exposições presenciais (MUCHACHO, 2005).

Além disso, a tecnologia ainda pode ser uma aliada dos museus para proporcionar acessibilidade aos visitantes com necessidades especiais. Desde áudio-guias para pessoas com surdez até visitas completas disponíveis online; reconhece-se que as novas mídias e a internet vêm sendo bastante úteis para democratizar o acesso às exposições promovendo uma nova forma de comunicação, ainda mais fundamentada em princípios isonômicos.

Segundo Marin (2011), os museus passaram a ocupar o espaço virtual por volta dos anos de 1990, com campanhas de marketing para atrair público para a nova realidade destas instituições. Desde então, os museus se inseriram cada vez mais, e das formas mais diversas, na experiência online do visitante.

O *Conseil International of Museums*² (ICOM) ainda não desenvolveu uma definição formal para o termo museu virtual, mas esse assunto já foi tratado em seu comitê oficial de documentação, o *International Committee for Documentation*³ (CIDOC), em reuniões de um grupo de trabalho dedicado especificamente ao uso da internet por museus. Este grupo surgiu em 1992, e apresentou suas primeiras produções em 1995. Nessa ocasião, o encontro do ICOM ocorreu na Noruega, onde foi apresentado um projeto de documento sobre o uso de multimídia nos museus. Este documento estabelece diretrizes formais sobre as novas mídias e preservação de patrimônio, sem, no entanto, se aprofundar no uso da internet por museus.

Sobre os espaços virtuais, para Loureiro:

Embora as funções museológicas sejam as mesmas, no mundo físico e no ciberespaço, os museus apresentam características diferenciadas: os museus no espaço físico apresentam materialidade, ênfase na obra única, permanência, estabilidade, caráter institucional por definição, linearidade, processo de comunicação e transferência de informação unidirecional e assimétrico; tendência à separação dos polos receptor/emissor. Os museus no ciberespaço se caracterizam pela imaterialidade, ubiquidade, provisoriedade, instabilidade, caráter não necessariamente institucional, hipertextualidade, estímulo à interatividade e tendência à comunicação bi ou multidirecional (LOUREIRO, 2003, p. 172).

² Disponível em: <https://www.cidoc-crm.org/>. Acesso em: 30 dez. 2018.

³ Disponível em: <https://icom.museum/en/>. Acesso em: 9 mar. 2023.

Com base na classificação supracitada, é possível perceber mais claramente as características que diferem os museus físicos dos museus virtuais e, com isso, poder traçar estratégias para ambos a partir de suas particularidades.

O que se vê em plataformas como o *Google Arts & Culture*⁴ são visitas virtuais a museus físicos, o que se enquadra na categoria B de Lima (2009) — Museu Virtual Conversão Digital. A informação sobre a categoria na qual o museu se enquadra é bastante relevante, inclusive para a qualidade e direcionamento da visita porque contribui para a fixação do conhecimento apresentado. Assim, tomamos como exemplo o envolvimento de muitos professores com esta tecnologia trabalhada em sala de aula, permitindo aos alunos o aprofundamento acerca de temas e conteúdos diversos presentes em diferentes museus.

5 O Museu Nacional

Localizado na Rua Quinta da Boa Vista, na cidade do Rio de Janeiro, o Museu Nacional⁵ integra o Fórum de Ciência e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Este grande museu universitário, cujo caráter é acadêmico e científico, possui notoriedade na área da pesquisa e está vinculado ao Ministério da Educação (MEC).⁶

O Museu Nacional foi fundado por D. João VI, em 06 de junho de 1818, como um empreendimento do monarca na tentativa de promover a cultura no país. Sua primeira sede foi no Campo de Sant'Ana; em 1892 foi transferido para o palácio da Quinta da Boa Vista, edifício que fora residência da família imperial brasileira. Tanto o edifício como o acervo do Museu Nacional foram tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1938.⁷ Com o objetivo de preservar o Museu Nacional, foi divulgado em seu site o projeto de restauro, já com aprovação do IPHAN, para angariar recursos financeiros:

Trata-se de um projeto ambicioso, à altura das capacidades e expectativas da Casa – mas, acima de tudo, certamente, de toda a Nação, que tem no Museu uma de suas primeiras e mais estratégicas instituições. A divulgação nesta página das informações sobre o processo dos 200 Anos visa esclarecer o público brasileiro sobre a luta que a comemoração envolve, e também suscitar o interesse de qualquer cidadão, de

⁴ O site *Google Arts & Culture* é mantido pela empresa Google em parceria com museus do mundo todo que aderem à tecnologia da visita virtual para mostrar suas exposições e acervos por meio deste projeto. A tecnologia empregada é *Street View* e o acesso é gratuito.

⁵ Disponível em: <http://www.museunacional.ufrj.br/index.html>; <https://artsandculture.google.com/partner/museu-nacional-ufrj>. Acesso em: 30 dez. 2018.

⁶ Suas mostras expositivas apresentavam ao público, de maneira didática, a história da instituição e de sua reconhecida excelência na área da pesquisa, gerando considerável contribuição para o ensino, produção do conhecimento nas áreas de ciências naturais e antropológicas.

⁷ O tombamento é um dos principais instrumentos de preservação no Brasil, compreendendo os patrimônios materiais e imateriais. O tombamento de um bem previne, de certa forma, sua alteração e deterioração. No caso do Museu Nacional, considera-se que pouco foi feito pelos órgãos responsáveis por sua preservação, principalmente em decorrência da falta de políticas públicas voltadas especificamente para os museus universitários e a consequente falta de recursos para a área.

qualquer empresa, de qualquer agência do Estado, em colaborar ativamente com esse desafio. Que esses 200 Anos possam ser a plataforma de lançamento para um novo século de profícua contribuição à ciência, à cultura e à nação brasileira! (MUSEU NACIONAL, 2018, n. p.).

Contudo, infelizmente, isso não chegou a se concretizar, pois em 2 de setembro de 2018, com profunda comoção, o mundo todo recebeu a dolorosa notícia de que o Museu Nacional do Brasil estava em chamas e, juntamente com ele, parte de nossa história, memória e identidade. Neste momento, até quem pouco demonstrava interesse por museus passou a olhar de maneira mais atenciosa para estas instituições e desenvolver certa sensibilidade em relação à luta que a Cultura enfrenta neste país.

Atualmente, o site do Museu Nacional apresenta com certo entusiasmo as notícias sobre o andamento da operação de resgate das peças. Nessa página, é possível obter informações sobre o Meteorito Bendegó, peça integrante do acervo que não sofreu nenhum dano com o incêndio, assim como sobre o crânio de Luzia — o mais antigo fóssil humano já encontrado no país e que foi recuperado dos escombros em boas condições, mas passará por restauro.⁸

Além disso, foram disponibilizados no próprio site algumas informações e canais de comunicação para quem deseja ajudar na reconstrução, seja com trabalho voluntário, doação de peças que possam interessar ao acervo do museu e também financeiramente, o que tem atraído a solidariedade de instituições museológicas do mundo todo.

6 A Visita Virtual ao Museu Nacional

Após alguns meses da tragédia, em meio a novidades que surgiam com iniciativas de locais e pessoas diversas que tentavam ajudar, veio a notícia de que aqueles que ainda não haviam conhecido o Museu Nacional poderiam, ao menos, ter uma noção de seu espaço e acervo. Assim como aqueles que já haviam visitado outras vezes e gostariam de retornar.

Apesar da tragédia, como o Museu Nacional já havia sido fotografado para a plataforma do *Google Arts & Culture*, ainda é possível ver algumas das suas exposições online. Obviamente, ver as coleções através de uma tela não substitui a experiência do museu real, principalmente considerando o forte viés de pesquisa desses acervos, mas não deixa de ser uma

⁸ O Acervo do Museu Nacional era composto por várias coleções, entre elas, havia algumas raras como a sua coleção de arte egípcia, que era a maior da América Latina, tendo início ainda com aquisições realizadas pelo Imperador Dom Pedro I. Também havia obras de arte, artefatos diversos greco-romanos, peças de escavações. Assim como as coleções de Paleontologia que incluíam o *Maxakalissaurus topai*, dinossauro proveniente de escavações arqueológicas realizadas em Minas Gerais. Porém, entre tantos objetos, havia ainda o fóssil batizado de Luzia, coleções de etnologia formada a partir de objetos diversos, coleções de zoologia e muito mais.

forma de preservar a memória de parte do que foi perdido no incêndio. Dessa forma, há no próprio site do Museu um link para as visitas virtuais.⁹

A visita virtual ao Museu Nacional é uma imersão na realidade física da instituição desde o ano de 2016, quando começou a ser fotografado para esta finalidade. Assim, são apresentadas virtualmente oito mostras expositivas com cerca de 164 itens, entre obras e objetos diversos de coleções distintas. As imagens foram feitas em alta resolução e 360° para que o visitante possa visualizar também os espaços, incluindo o jardim e a fachada do museu. Além das imagens, a visita virtual também oferece mediação cultural por meio de áudio sobre as exposições.

De acordo com Chance Coughenour, gerente global de Preservação Histórica do *Google Arts & Culture*, em entrevista à Agência Brasil, a visita virtual ao Museu Nacional cobre cerca de 60% do espaço expositivo e foi definida juntamente com os pesquisadores da instituição, ainda em 2016. Atualmente há vários museus brasileiros que oferecem visitas virtuais em sua página na internet como o Museu Oscar Niemeyer (MON), em Curitiba-PR; o Museu Casa de Portinari, em Brodowski-SP, e outros.

7 Considerações finais

A tecnologia, as novas mídias e a internet estão presentes na vida de todos de forma irreversível. A priori pode parecer que há certo antagonismo entre os conceitos de museu e tecnologia; não obstante, os museus têm grandes possibilidades de utilização do ciberespaço para preservar, valorizar e comunicar seus bens salvaguardados e é o que muitos já vêm fazendo.

O “site do museu” pode servir como um eficiente meio de comunicação e informação para o público, proporcionando ao visitante uma forma acessível de conhecer o conteúdo das exposições e reservas técnicas. Destaco que uma visita virtual não substitui uma visita presencial, mas vale ressaltar que nem é pensada para esta finalidade. Por outro lado, há uma grande parcela do público que, por diversas razões, não tem acesso a determinado museu real senão de forma virtual. Para estas pessoas, uma ferramenta de visita virtual, por exemplo, pode ser a única forma de acesso e contato com a cultura, a arte ou a história preservada naquela instituição.

⁹ Nesta mesma página do link, ainda há a chamada “instale o app *Google Arts & Culture* para explorar tours de realidade virtual do Museu Nacional”. E assim ocorre a visita virtual ao Museu Nacional.

Assim nos chama a atenção a visita virtual ao Museu Nacional, pois certamente a sua reconstrução não o trará de volta considerando que a virtualidade não substitui tamanha perda, mas serve como alento àqueles que não chegaram a visitar a instituição ou àqueles que acreditam e trabalham pela preservação da memória. O fatídico incêndio realmente destruiu a materialidade da maior parte de um importante acervo, que merece permanecer vivo e atuante de outras formas, inclusive virtualmente.

Referências

- AGÊNCIA BRASIL. **Tour virtual mostra exposições do Museu Nacional antes do incêndio**. 2018. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-12/tour-virtual-mostra--exposicoes-do-museu-nacional-antes-do-incendio>. Acesso em: 30 dez. 2018.
- ARANTES, Otília. **O lugar da arquitetura depois dos modernos**. São Paulo: Edusp, 1993.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- LIMA, Diana. O que se pode designar como Museu Virtual segundo os museus que assim se apresentam. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2009, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: UFPB, ANCIB, 2009. Disponível em <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/175890>. Acesso em: 30 dez. 2018.
- LOUREIRO, Maria Lúcia de Niemeyer Matheus. **Museus de arte no ciberespaço: uma abordagem conceitual**. 2003. 208 p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) — ECO/UFRJ-IBICT, Rio de Janeiro, 2003.
- MARIN, Sabrina Popp. **Comunicação virtual de museus: a informação sobre arte nos sites da Tate e do MAC**. 2011. 111 f. Dissertação (Mestrado em Estética e História da Arte) — Programa de Pós-graduação Interunidades em Estética e História da Arte, São Paulo, 2011.
- MUCHACHO, Rute. Museus virtuais: a importância da usabilidade na mediação entre o público e o objeto museológico. *In*: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – SOPCOM, 4., 2005, Aveiro. **Anais [...]**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2005. p. 1540-1547.
- MUSEU NACIONAL. Sítio de Internet.
- O'DOHERTY, Brian. **No interior do cubo branco: a ideologia do espaço da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- SARTORI, Ademilde Silveira.; MAXIMIANO, Fabiana; PORTO, Simone Cristina Domingos; SANTOS, Sonia Marques dos. Museus Virtuais: educação e memória em tempos de ciberespaço. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília - DF. **Anais [...]**. Brasília: INTERCOM, 2006. Comunicação e Estado.